

Intereducampo: um espaço territorial para o esporte das escolas do/no Campo de Nova Santa Rita

Intereducampo: a territorial space for the sport of schools of/in Campo de Nova Santa Rita

Intereducampo: un espacio territorial para el deporte de las escuelas del/en el Campo de Nova Santa Rita

Submetido: 10/03/2022 | Aceito: 20/09/2022 | Publicado: 17/10/2022

Sabrina Silveira da Rosa

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9641-5064>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, País Brasil

E-mail: ssrosa2001@yahoo.com.br

Andressa Luana Moreira Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9677-5083>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, País Brasil

E-mail: andressaluana.mr@hotmail.com

Mariana Paranhos de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2332-7711>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, País Brasil

E-mail: marianaparanhosdeoliveira@hotmail.com

Resumo

A presente pesquisa traz a importância de um evento esportivo voltado para as escolas do/no Campo de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, onde, a partir de estudos sobre teóricos da Educação do Campo, percebeu-se a necessidade de um encontro recreativo que também contemplasse as especificidades desses educandos a partir do seu território. Baseado nesse contexto foi construído, através do coletivo educador de uma escola do Campo, o Intereducampo (evento esportivo com futsal, jogos e brincadeiras), o mesmo possibilitou a escrita deste artigo que teve como objetivo investigar, através de um questionário, o que os vinte educandos (8 meninas e 12 meninos) da EMEF Rui Barbosa, que participaram dos jogos do VI Intereducampo consideraram importante nesta atividade. Os dados da pesquisa foram submetidos a Análise Textual Discursiva (ATD), de Roque e Galiuzzi. Os educandos investigados, consideraram importante o todo do evento, demonstraram o gosto pela participação nas atividades de forma integral e não somente levaram em consideração vencer ou perder nos jogos de futsal, mas sim o cooperar e o participar deste momento de integração. Demonstraram o quanto é importante jogar “com” e não “contra”. A educação do/no Campo desta cidade caminha para a formação integral dos seus educandos buscando um ensino que transforme vidas e que forme educandos para uma sociedade mais humana, mais cidadã.

Palavras-chave: Educação do/no Campo; Território; Esporte escolar.

Abstract

The present research brings the importance of a sporting event aimed at schools in/in the countryside of a city in the metropolitan region of Porto Alegre, where, based on studies on rural education theorists, it was realized the need for a recreational meeting that also contemplate the specificities of these students from their territory. Based on this context, the Intereducampo (sporting event with futsal, games and games) was built through the educator collective of a rural school, which made it possible to write this article, which aimed to investigate, through a questionnaire, what the twenty students (8 girls and 12 boys) from EMEF Rui Barbosa, who participated in the VI Intereducampo games, considered this activity important. The research data were submitted to Discursive Textual Analysis (DTA), by Roque and Galiuzzi. The investigated students considered the whole event to be important, showed a taste for full participation in activities and not only took into account winning or losing in futsal games, but also cooperating and participating in this moment of integration. They showed how important it is to play “with” and not “against”. The education of/in the countryside of this city moves towards the integral formation of its students, seeking a teaching that transforms lives and that forms students for a more humane, more citizen society.

Keywords: Education from/in the Field; Territory; School sport.

Resumen

La presente investigación trae la importancia de un evento deportivo dirigido a escuelas en/en el interior de una ciudad de la región metropolitana de Porto Alegre, donde, a partir de estudios sobre teóricos de la educación rural, se percibió la necesidad de un encuentro recreativo que también contemplar las especificidades de estos estudiantes desde su territorio. Con base en este contexto, se construyó el Intereducampo (evento deportivo con futsal, juegos y juegos) a través del colectivo de educadores de una escuela rural, lo que posibilitó la redacción de este artículo, que tuvo como objetivo indagar, a través de un

cuestionario, lo que los veinte alumnos (8 niñas y 12 niños) de la EMEF Rui Barbosa, que participó en los VI Juegos Intereducampo, consideró importante esta actividad. Los datos de la investigación fueron sometidos al Análisis Textual Discursivo (ATD), por Roque y Galiazzi. Los estudiantes investigados consideraron importante todo el evento, mostraron gusto por la participación plena en las actividades y no sólo tuvieron en cuenta ganar o perder en los juegos de futsal, sino también cooperar y participar en ese momento de integración. Demostraron lo importante que es jugar “con” y no “en contra”. La educación del/en el campo de esta ciudad avanza hacia la formación integral de sus alumnos, buscando una enseñanza que transforme vidas y que forme alumnos para una sociedad más humana, más ciudadana.

Palabras llave: Educación desde/en el Campo; Territorio; deporte escolar.

1. Contextualizando a pesquisa

1.1 Educação do/no Campo

A Educação do/no Campo é a modalidade de ensino que deve ocorrer em espaços denominados rurais nos municípios. O Decreto nº 7.352 (2010, online) define “Escola do Campo como aquela escola localizada em área rural, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo”, ou seja, diz respeito a todo espaço educativo que se dá em locais como, por exemplo, florestas, regiões onde há o predomínio da agricultura e da agropecuária, populações ribeirinhas, caçaras, extrativistas, assentamentos indígenas e comunidades quilombolas. Conforme consta no site da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, a Educação do/no Campo não conta apenas com a educação básica, mas também na educação superior, e é legislada por lei própria e faz parte de um projeto de desenvolvimento sustentável, vinculado a outras instituições do meio rural.

Embora seja uma discussão advinda desde 1998 a Educação do/no Campo ainda é confundida com Educação Rural, porém elas são duas concepções e práticas distintas. Importante ter claro que a Educação do/no Campo é uma oposição à Educação Rural, que era percebida como atrasada e sem qualidade, com programas de educação que não possibilitavam o envolvimento dos camponeses e acabava por subordinar os educandos a não refletirem sobre o espaço onde vivem.

Na Educação rural, é colocado em questão o paradigma do capitalismo agrário. Uma vez que, o Rural é compreendido como relação social do campo a ser inserida no modelo econômico denominado de agronegócio. Nesse sentido, “a Educação Rural vem sendo construída por diferentes instituições a partir dos princípios do paradigma do capitalismo agrário, em que os camponeses não são protagonistas do processo, mas subalternos aos interesses do capital” (FERNANDES, 2006). A Educação Rural foi criada com base nos interesses do capital, é fruto dos interesses deste, ou seja, pela busca do desenvolvimento do capitalismo no campo, e não no interesse em buscar o desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida das pessoas que vivem no campo. O novo modelo de negócio que tem como base a industrialização, neste caso o agronegócio, é o agente que leva os Estados a formularem políticas educativas “em resposta à demanda de uma força de trabalho qualificada tanto na indústria quanto na agricultura” (RIBEIRO, 2012, p. 297).

No entanto, seus interesses visavam à modernização do campo, através da introdução de máquinas e equipamentos, insumos agrícolas, técnicas de manuseio e de administração rural, dentre outros. Devido a isso, se faz necessário algum tipo de instrução a ser adquirido por meio da educação. Com base nessas questões, ficam explicados à relação entre a educação rural, a Reforma Agrária e o desenvolvimento econômico (RIBEIRO, 2012).

Já a Educação do/no Campo nasceu primeiro como Educação Básica do Campo no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998. A partir daí, passou a ser chamada Educação do/no Campo por meio das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004 (CALDART, 2012). O conceito de Educação do/no Campo é um fato relativamente recente, que não existia há cerca de quase 20 anos atrás. Ele é fruto das demandas dos movimentos dos camponeses na construção de uma política educacional para os assentamentos da reforma agrária. Por meio dessa demanda também nasceu o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) e a Coordenação Geral de Educação do/no Campo (FERNANDES, 2006).

A Educação do/no Campo tem três grandes desafios: 1) assegurar o acesso dos camponeses ao conhecimento, 2) direito a diferença, 3) contribuir para um novo projeto no campo da elaboração e da disseminação do conhecimento que rompa a hegemonia o capital no campo. Segundo Arroyo (2005, p. 14) “[...] todo o movimento social sabe que toca em consciência, valores, representações, preconceitos, culturas. Esta consciência do papel educativo e formador tem sido destacada nas experiências de formação de educadores”.

Também sabemos que é inviável falar de Educação do/no Campo sem falar do MST, pois sabemos que aquela teve seu início a partir das lutas pela terra e depois passou a contemplar a luta pela educação e por uma transformação social por completo, de valorização do meio. Segundo Molina (2009, p.11), “A Educação do/no Campo originou-se no processo de luta dos movimentos sociais camponeses e, por isso, traz de forma clara sua intencionalidade: construção de uma sociedade sem desigualdades, com justiça social”. A Educação do/no Campo fundamenta-se na preocupação da formação humana, com a emancipação e a consciência crítica, coletiva e atuante, objetivando a libertação de toda sociedade. Todas as discussões que permeiam a Educação do/no Campo, segundo Freire (2013), devem ser alicerçadas por pessoas do meio em que o campo está inserido, que represente o contexto, caso contrário será para o campo.

A proposta de Educação do/no Campo na cidade onde foi realizada esta pesquisa, existe desde a criação e normativa nacional, onde algumas escolas foram contempladas e nominadas como tais, de

acordo com as resoluções CNE/CEB nº 1/2002 e CNE/CEB nº 2/2008, estipulando as Diretrizes Operacionais para Educação Básica das escolas de campo e o Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Segundo decreto nº 7.352/10:

Art. 1º A política de educação do campo destina-se à ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do campo, e será desenvolvida pela União em regime de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, de acordo com as diretrizes e metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação e o disposto neste Decreto. § 1º Para os efeitos deste Decreto, entende-se por:

I - populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural;

II - escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo (BRASIL, 2010, *on-line*).

De acordo com as resoluções foram consideradas escolas de campo: EMEF Rui Barbosa (situada dentro do Assentamento Capela), EMEF Treze de Maio (situada no assentamento Itapuí), EMEF Álvaro Almeida (próxima ao assentamento Sinos e Santa Rita), EMEF Alfredo Antônio Amorim (próxima ao assentamento Itapuí) e EMEF Vasconcelos Jardim.

Embora as escolas estivessem oficialmente inscritas como escolas do Campo foi somente a partir de 2013 que essa formalização ocorreu na prática. Em 2013, iniciou-se uma reformulação para essas propostas. Os professores das escolas de campo de Nova Santa Rita puderam alavancar para um novo pensar, foi com impulsos da Secretaria Municipal de Educação (SME), através de reuniões pedagógicas, palestras com professores e pensadores sobre Educação do/no Campo, valorização de planejamentos pedagógicos coletivos, aumento de pessoal, escolas que passaram a ter turno integral, que a Educação do/no Campo, nesta cidade, passou de teórica a prática. E ainda algumas colegas foram agraciadas com a permissão para cursarem a Licenciatura em Educação do/no Campo, na UFRGS, oferecida pela parceria entre Prefeitura Municipal e Universidade, entre elas uma supervisora escolar das escolas do/no campo, a qual seu aprendizado e conhecimento foi motivador e alavancou a busca pelo saber de como construir uma escola baseada nos princípios da Educação do/no Campo. Essa colega trouxe para reflexão durante reuniões pedagógicas e planejamentos coletivos (conquista realizada pelas Escolas do Campo com base nos princípios da Educação do/no Campo) autores como Paulo Freire, Caldart, Molina e Arroyo, e aos poucos os educadores foram se amparando e levando para suas práticas teóricos que ajudaram na construção desta mudança.

1.2 Território

Quando se trabalha na Educação do/no Campo, não podemos deixar de pensar e conhecer esse campo, ou melhor, o território. A escola precisa estar vinculada a outros espaços educativos da sua comunidade e até mesmo a cidade como um todo.

Quando nos referimos à Escola do/no Campo é porque temos a compreensão do significado “DO/NO” que está entre as palavras “escola” e “campo”. Segundo Caldart (2002, p.25), o “‘DO’ é pensado naquele lugar, nos sujeitos, na cultura e necessidades daquele povo em questão; já o ‘NO’ refere-se aos sujeitos, que têm direito de receber educação no lugar onde vivem”.

Desta maneira, a organização pedagógica precisa ser embasada em uma escola do/no campo que tem como base, para seu processo educativo, a forma de produção de vida do seu território, articulado com os saberes empíricos desse campo. Onde se torna fundamental o diálogo entre escola, famílias e comunidade.

Nessa direção, conforme Jesus (2004, p. 121), “O contexto que se desenvolve nos territórios vividos com suas temporalidades próprias é capaz de criar novos conhecimentos e reorganizar os saberes em função de um outro modelo de desenvolvimento do/no campo”. Essa modalidade de educação ocorre em vários espaços formativos, como as comunidades e movimentos sociais, assim como nas relações entre os sujeitos.

Cabe à escola perceber estes diferentes espaços formativos e valorizar a sua identidade. Considerando questões de identidade, é possível notar o sentimento de pertencimento dos educandos e suas famílias pelo seu território e sua história. “É o sentimento de pertença à terra, a uma comunidade, a uma cultura que cria o mundo, para que os sujeitos possam existir. É este sentimento que dá forma às nossas percepções para que possamos existir, como também nos oferece os locais onde podemos desenvolver nossas competências” (JESUS, 2004, p. 119).

Quando a escola estabelece um diálogo com o contexto no qual a comunidade está inserida, bem como valoriza os saberes locais, as aprendizagens ocorrem de maneira significativa, fazendo com que o sujeito se perceba agente de transformação do seu espaço vivido.

Mas afinal, o que é um território? Um breve conceito sobre a palavra território, segundo teóricos como Raffestin (1993, p. 144), defendem que o território é construído a partir de um espaço geográfico. Para Fernandes (2005), a palavra território é ampla, uma vez que se trata de um espaço de vida e multidimensional.

Ainda com a percepção de Fernandes (2005, p. 744): “A unidade espacial se transforma em território camponês quando compreendemos que a relação social que constrói esse espaço é o trabalho familiar, associativo, comunitário, cooperativo, para o qual a reprodução da família e da comunidade é fundamental.”

Nesse caminho de compreender, conhecer e reconhecer os diferentes territórios das cinco escolas do campo da cidade de Nova Santa Rita, percebemos que todas estão diretamente ligadas com o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), no qual é muito presente o trabalho coletivo e o cooperativismo, pois se tem duas cooperativas agrícolas, a forte relação com terra.

Como podemos observar, o território educativo das escolas é composto por agricultores. Para Fernandes e Molina (*apud* MOLINA; JESUS, 2004), o território é algo a mais, é uma vantagem dos cidadãos do campo. Viver e trabalhar na terra, tirar da terra seu sustento requer conhecimentos que são embasados nas experiências cotidianas e na escola. Ter seu território importa em uma maneira de pensar a realidade.

Para garantir a identidade territorial, a autonomia e a organização política, é preciso pensar a realidade desde seu território, de sua comunidade, de seu município, de seu país, do mundo. Não se pensa o próprio território a partir do território do outro. [...]. Os povos do campo e da floresta têm como base de sua existência o território, onde reproduzem as relações sociais que caracterizam suas identidades e que possibilitam a permanência na terra. [...] Esses grupos sociais, para se fortalecerem, necessitam de projetos políticos próprios de desenvolvimento socioeconômico, cultural e ambiental. E a educação é parte essencial desse processo. (FERNANDES; MOLINA *apud* MOLINA; JESUS, 2004, p. 60-61).

Quando os autores descrevem que “a educação é parte essencial desse processo”, estão pensando em uma escola que compreende e atende as expectativas de uma educação voltada para o campo de sua natureza, independente se ela for indígena, quilombola ou camponesa. Para o Ronaldo (2014, *on-line*), “[...] não basta ter escola no assentamento; ela tem que ser uma escola de assentamento. Não basta ter escola no campo; tem que ser uma escola do campo, que assume as causas e a cultura de quem ali vive e trabalha”. A emancipação da educação se universalizou e se tornou direito de todos os diferentes tipos de povos, contemplando as especificidades de cada um.

As escolas, precisam pensar e elaborar novas práticas que valorizam a cultura e as experiências sociais desses povos. A partir desses conhecimentos construídos durante formações pedagógicas e planejamentos coletivos sobre Educação do/no Campo e território, uma prática foi incorporada no currículo dessas cinco escolas, a qual é desenvolvida de forma integrada entre as escolas do campo desta cidade: o Intereducampo.

1.3 Intereducampo

Com base nos estudos feitos sobre uma verdadeira inserção da Educação do/no Campo da Cidade de Nova Santa Rita/RS e a partir de estudos e compreensões sobre o território educativo que contempla essas escolas municipais, durante um planejamento coletivo, olhando de uma forma diferenciada para os educandos e entendendo-os como parte de um contexto único e diferenciado, os quais devem ser valorizados e respeitados pela sua diversidade, que surgiu a ideia dos jogos para os

alunos das Escolas do/no Campo de Nova Santa Rita. Atendendo ao seguinte artigo 2º artigo do Decreto nº 7.352/10:

Art. 2o São princípios da educação do campo: I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia; II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho.

Nas escolas municipais do Campo, são atendidos alunos do pré-escolar até o 5º ano, em quatro escolas do campo, as turmas são pequenas, e em duas delas multisseriadas, então é difícil formar uma equipe para jogos municipais. Em Nova Santa Rita existem competições escolares para os alunos das séries finais do ensino fundamental, voltadas à competição, as quais os educandos do Campo não conseguem participar devido ao pequeno número de alunos. Foi pensando nestas comunidades, neste território, que surgiu então uma competição que contemplasse esses educandos, uma atividade justa e adaptada para a realidade do campo, criou-se assim o Intereducampo.

O intereducampo iniciou em 2013 como uma atividade que visasse a integração entre as cinco escolas municipais de campo de Nova Santa Rita, onde o eixo primário foi o esporte, o futsal. As escolas levam todos os seus alunos para o evento, onde os dos 4º e 5º anos participam da competição e os demais fazem torcida e ajudam na organização da escola e da equipe, levando água, reservando alimentação, guardando o material e participando de atividades paralelas aos jogos de futsal (brinquedos infláveis, pintura em paredes, jogos de tabuleiros). Todas as escolas podem participar com equipes femininas e masculinas. Após cinco edições, além da integração, os jogos de futsal passaram a oportunizar o amadurecimento e a autonomia dos educandos.

O futsal é uma atividade que faz parte da grade curricular das cinco escolas do campo e é uma disciplina conduzida pelos professores de forma lúdica, educacional e de cooperação, não para rendimento. De acordo com Júnior (1998), a compreensão e aprendizagem do futsal, como elemento de formação nas primeiras etapas escolares, deve estar presente e entendida de forma clara e objetiva, direcionando o ensino da modalidade com variantes educativas, com elementos próprios de seus entendimentos.

Para Voser e Giusti (2002), o ensino do esporte futsal na escola é um elemento importante na medida em que se coloca como meio de promoção da saúde e de educação das crianças. Segundo eles, o esporte tem sido incorporado na escola como forma de proporcionar um bom aprendizado, favorecendo no desenvolvimento dos aspectos físicos, psicológicos e sociais.

O Intereducampo é trabalhado durante todo o ano, o jogo possui regras próprias e adequadas

para o tempo que se tem para realizar o evento, nas quais os alunos conversam e dialogam para se adequarem e se inserirem nessas regras adaptadas. Os jogos são regidos por dois tempos de 5 minutos, para o segundo tempo é necessário trocar todos os alunos. Em diálogos nas escolas com os educandos se estabelece quem inicia os jogos e quem jogará em que posição, os uniformes (os quais as escolas não possuem os seus) devem ser providenciados por eles, são pequenas atitudes em que exercitamos a autonomia, a qual se faz tão necessário para desenvolvimento pessoal e emocional dos nossos educandos. Corroborando com isso, Paulo Freire (2013) disserta que: “Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando – não são regalos que recebemos por bom comportamento. As qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o discurso entre o que dizemos e o que fazemos” (FREIRE, 2013, p. 38).

Todos os participantes dos jogos recebem medalhas do mesmo tamanho e da mesma cor. Apesar de se ter uma classificação geral, a premiação é igual para incentivar e estimular os alunos a participarem de eventos esportivos independente do seu desempenho motor, todos têm a oportunidade de participar e de serem premiados.

No Intereducampo, a cooperação ocorre não somente durante o jogo, e sim em toda a estrutura do evento: as merendeiras das cinco escolas montam e servem os lanches para os educandos, as professoras de educação física observam os educandos que estão participando dos jogos e as demais professoras organizam e cuidam os educandos que não estão jogando. É um evento além do esporte, é um evento de integração.

Embora perceba-se uma oportunidade de interação social entre os participantes dos jogos, esta pesquisa busca, após seis edições do evento esportivo Intereducampo, compreender se os jogos são necessários para a vida escolar dos educandos, a partir da proposta de Educação do/no Campo e seu território, e se há necessidade de continuidade do mesmo para os anos seguintes.

A intenção deste trabalho foi investigar se os jogos estão adequados com os objetivos de uma educação contextualizada com a realidade das crianças envolvidas, ou se simplesmente os jogos acontecem pela pura e dura competição, para isso se buscou com esta pesquisa conhecer quais foram as características mais importantes, para os educandos da Emef Rui Barbosa, durante o evento do VI Intereducampo0

2. Metodologia

O presente trabalho é uma pesquisa básica, do tipo estudo de caso, na qual o instrumento utilizado foi um questionário com dez questões (cinco fechadas e cinco abertas) analisado pela Análise Textual Discursiva (ATD), baseada em Moraes e Galiazzi (2011). A pesquisa teve como objetivo

Percebe-se que esteve presente para esses educandos o fazer o gol, a importância do ganhar, mas em igual equivalência emerge também o “participar”, o estar presente neste evento, jogando e aproveitando as atividades proporcionadas. Notou-se que estar participando das atividades e vivenciar aquele dia foi mais importante para os educandos do que propriamente vencer a competição.

Essa observação remete a Voser e Giusti que nos trazem o esporte escolar como um espaço de interação da criança com o meio em que vive, oferecendo momentos de convívio social. “Propostas sérias que visam democratizar, humanizar e diversificar a forma pedagógica do ensino da educação física e métodos que procuram valorizar e incorporar as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos”. (VOSER; GIUSTI, 2002, p. 15).

Aparece nas respostas a palavra “participação” e se nota uma valorização de outros momentos que não o jogo, como na fala do Ed. 06 “*todos ganharem medalhas*”, no Ed. 08 “*a comida*”, Ed. 10 e 11 “*os brinquedos infláveis*”, e o Ed. 14 “*participar*”. Nota-se que houve a presença dos dois sentimentos: participar e ganhar. Alguns educandos relataram gostar mais de participar e realizar outras atividades, aproveitando e usufruindo do todo, outros focaram mais em competir e tentar ganhar.

Segundo Caldart (2004, p. 158), o educador do campo deve ser “aquele cujo trabalho principal é o de fazer e o de pensar a formação humana, seja na escola, na família, na comunidade, no movimento social”. Durante os jogos do Intereducampo, onde segundo os dados da pesquisa, os educandos pensam no evento esportivo como um todo e não somente em vencer, onde seus propósitos estão além do chegar em primeiro lugar, com isso se percebe um trabalho escolar para a formação humana como nos trouxe Caldart, proporcionando às crianças destas escolas uma nova visão de sociedade.

A segunda análise foi realizada com a pergunta 09 conforme tabela abaixo: “A cooperação é importante para participar deste tipo de atividade? Por quê?”. Segue abaixo a análise da pergunta número 09.

Entre visto	Pergunta 9	UNITARIZAÇÃO	CATEGORIZAÇÃO		
			INICIAL	INTERMEDIÁRIA	FINAL
Ed.01	Para não se machucarem	- Não machucar	1 – não machucar (A)	(A) Coopera r	O importante de participar é
Ed. 02	Sim, é um time	- Somos um time			
Ed. 03	Porque é um time	- Todos se ajudam			
Ed. 04	Para não se machucarem	- trabalha em equipe	2 – trabalha em equipe (A)		
Ed. 05	Porque todos se ajudam	- é uma cooperativa		(B) Competi r	
Ed. 06	Sim. Porque a gente aprende a trabalhar junto	- se , respeitam	3 – ganhar (B)		
Ed. 07	Para não se machucarem	- atingir o gol			
Ed. 08	Para não se machucarem	- cooperar , para ganhar	4 – Cooperar (A)		
Ed. 09	Se não estaríamos perdendo de graça.	- ganhar			
Ed. 10	Para não se machucarem	- ficar em primeiro lugar			
Ed. 11	Porque é tipo uma cooperativa	- todos se ajudam			
Ed. 12	Para não se machucarem	- fazer passes é cooperar			
Ed. 13	Porque todos cooperam				
Ed. 14	Os times se respeitam				
Ed. 15	Sim, para conseguir fazer gol				
Ed. 16	Não respondeu				
Ed. 17	Sim, se não cooperar o time não vai ganhar				
Ed. 18	Ficar em primeiro lugar				
Ed. 19	Porque todos se ajudam				
Ed. 20	Porque precisa fazer passes				

Figura 2. ATD pergunta 09 (Elaboração própria, 2021).

Com base nas etapas de categorização se construiu o seguinte metatexto: O importante de participar deste evento é cooperar, não se machucando nem machucando o outro, trabalhar em equipe, respeitar, e também competir, atingir o gol e ficar em primeiro lugar.

Observa-se pelas respostas que os educandos acharam importante a cooperação neste evento na forma de se respeitar, não se machucando e ajudando-se uns aos outros, como nas respostas dos educandos Ed. 01, 04, 07, 08, 10 e 12 “a cooperação é importante para não se machucarem”, Ed. 02 e 03 “temos que cooperar porque é um time”, Ed. 11 “porque um time é tipo uma cooperativa”, Ed 06 “é importante a cooperação porque a gente aprende a trabalhar junto”, Ed. 13 “porque todos cooperam”, Ed. 14 “há cooperação porque os times se respeitam”, Ed. 20 “tem que cooperar para fazer os passes”.

A cooperação é uma característica essencial para a construção de uma escola que se fundamenta na Educação do/no Campo e pode-se perceber que os educandos pesquisados salientaram a importância de se ser cooperativo em uma atividade esportiva escolar, onde Fabio Brotto (1999, p. 47) corrobora através do esporte educacional:

Se o importante é competir o melhor é cooperar.
Os jogos competitivos são importantes sim. Mas a competição em si não traz benefícios completos ao homem. O que adianta o vencer se não houver com quem compartilhar essa vitória? Se os meios de alcançá-la foram fraudulentos? De que adiantou vencer?
Numa sociedade cada dia mais competitiva e capitalista trabalhar os valores da cooperação torna-se um desafio! É fundamental que os pais, professores e todos os sujeitos da Educação despertem para a importância da cooperação.

Alguns educandos entenderam que a cooperação foi importante no evento para que o time conseguisse atingir um objetivo como fazer gol e vencer, como pode ser observado na fala do Ed. 17 “se

“não cooperar o time não vai ganhar” e do Ed. 18 *“tem que ter cooperação para ficar em primeiro lugar”*, o que marcou positivamente os ensinamentos das escolas do campo, que é a preocupação com o desenvolvimento coletivo e o cooperativismo nas relações desde os primeiros anos de vida. *“O ser humano, na cooperação, como resultado do contato social, supera seus limites pessoais, e o trabalho social gerado é sempre maior que a soma de todos os trabalhos individuais”* (CALDART, 2012, p. 160).

A cooperação dentro da Educação do/no Campo e ainda, dentro de evento esportivo criado especificamente para os educandos do Campo levam a consciência da importância do fazer cooperativo, tanto durante os jogos, onde eles perceberam que trabalhar em cooperação seria necessário para se atingir um objetivo em comum, como ajudar cooperativamente para os adversários não se machucarem, agindo de forma coletiva para não causar mal aos colegas de outras escolas.

Entrevistados	Pergunta 10	UNITARIZAÇÃO	CATEGORIZAÇÃO		
			INICIAL	INTERMEDIÁRIA	FINAL
Ed. 01	Todos os colegas da RUI Barbosa	Todos os colegas	1 – colegas solidários (A)	(A) Colegas cooperaram	A solidariedade de está em...
Ed. 02	sim	Sim			
Ed. 03	Sim, a professora sabe o que é melhor para o time.	Atender aos pedidos da prof. ed. física	2 – seguir orientações da professora (B)	(B) Seguir orientações para benefício do coletivo	
Ed. 04	Alegria, amor, felicidade, harmonia	Felicidade das crianças			
Ed. 05	A Duda ajudou	Ajuda de colegas			
Ed. 06	Não	Não			
Ed. 07	Alegria, amor e felicidade.	Felicidade das crianças	3 – a alegria das crianças (C)	(C) Felicidade das crianças	
Ed. 08	Sim, a Duda fez um gol	Gol de colegas			
Ed. 09	Sim, quando passamos a bola um para o outro.	O jogo	4 – ajuda de colegas (A)		
Ed. 10	Sim				
Ed. 11	Eu passo a bola e obedeco os colegas.	Colaboração no jogo			
Ed. 12	sim		5 – gol dos colegas (A)		
Ed. 13	Sim, todos foram solidários	Todos			
Ed. 14	Sim, quando um passa para o outro	Colaboração no jogo			
Ed. 15	Sim, às vezes o meu colega PH	O colega ajudou			
Ed. 16	Não respondeu		6 – colaboração durante o jogo (A)		
Ed. 17	Não				
Ed. 18	Sim				
Ed. 19	Sim o meu colega PH	O colega ajudou			
Ed. 20	Sim		7 – todos foram solidários (C)		

Figura 3. ATD pergunta 10 (Elaboração própria, 2021).

A terceira análise foi feita com a pergunta 10 conforme tabela a cima: *“Você observou alguma atitude por parte dos atletas que demonstrou solidariedade? Qual?”* Baseada nas etapas de categorização se construiu o seguinte metatexto: percebeu-se atitudes de solidariedade nas ações dos colegas, nas orientações da professora de Educação Física, na alegria das crianças, quando os colegas se ajudavam durante o jogo, quando os colegas faziam gol, fazendo passes durante o jogo.

Observa-se pelas respostas, que os educandos pesquisados perceberam solidariedade durante o evento quando os colegas cooperavam como na resposta dos Ed. 05, 15 e 19 *“quando o colega D.R e P.H. ajudaram”*, também descreveram que houve solidariedade quando seguiram as orientações da professora de Educação Física e dos colegas para benefício da equipe, Ed. 03 *“A professora S.R. sabe o que é melhor para o time”*. Outros educandos viram solidariedade quando os colegas passavam a bola Ed. 14

“quando um colega passa a bola para o outro”, Ed. 11 “eu passo a bola”, o Ed. 04 acredita que a felicidade em estar participando do evento é uma demonstração de solidariedade “alegria, amor, felicidade e harmonia”, a Ed. 08 observou que uma atitude de solidariedade foi quando sua colega fez gol e contribuiu para que a equipe vencesse “A D.R. fez um gol”.

A solidariedade retratada pelos envolvidos na pesquisa nos traz uma prática humanizada, de ouvir e ser ouvido para um bem comum, onde ajudar em uma jogada de assistência para chegarem ao objetivo do gol acreditam estar sendo solidários com seus companheiros de equipe e consigo mesmos, em um ato de amor durante suas práticas, como nos coloca Freire, “a solidariedade verdadeira é encontrada somente na plenitude do ato de amor, em sua existencialidade, na sua práxis” (FREIRE, 2005, p. 35).

As categorias de análise desta pesquisa foram: Participação, cooperação e solidariedade trazendo como parte principal do VI Intereducampo a socialização e a integração entre os participantes, indo ao encontro das necessidades das Escolas do/no Campo exercerem o seu direito de ter uma educação diferente daquela para quem vive na cidade, reduzindo a competição e ampliando colaboração, no caso desta atividade esportiva.

O reconhecimento de que as pessoas que vivem no campo têm direito a uma educação diferente daquela oferecida para quem vive nas cidades é recente. Para Caldart (2004, p.17) “[...] o povo tem direito de ser educado no lugar onde vive; o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais”.

Os dados da pesquisa nos levam a perceber que a Educação do/no Campo é uma condição fundamental para que a população rural possa exercer sua cidadania (FERNANDES; MOLINA, 2004). Com atividades escolares voltadas para as especificidades do/no Campo que levam à reflexão de que ser solidário, ter oportunidade e equidade, o contentamento com o sucesso do outro, o saber ouvir, contribuir com o todo e ajudar são palavras e ações que sugeriram durante essa pesquisa e que demonstram que uma Educação do/no Campo feita para as pessoas do Campo contribui para a formação integral dos educandos e por consequência para a formação da cidadania.

4. Considerações Finais

O Intereducampo foi ao encontro da proposta de estudo para modificação da prática pedagógica nas Escolas do/no Campo de Nova Santa Rita, pois, nesta atividade, pode-se integrar os educandos e educadores em um grande evento, que hoje, após a 6ª edição já se consolidou como necessário e indispensável para o ano letivo. É um momento de união e integração em que os coletivos se fortalecem, as educadoras torcem pelos seus alunos e cuidam dos mesmos, o que gera uma aproximação muito especial, os alunos se ajudam e se coordenam mutuamente, construindo autonomia. As merendeiras e

serventes das cinco escolas municipais do campo se ajudam para servir um lanche que atenda o gasto de energia durante os jogos e, também, que seja saboroso para um passeio. Logo, é uma saída de campo onde todos ganham.

O comportamento dos educandos está amadurecendo no que diz respeito a enfrentar o desafio de jogar contra outras escolas, o medo do desconhecido e do outro, já não é tão grande, estão aprendendo a lidar com as dificuldades que o jogo apresenta e estão ouvindo melhor a opinião do colega, a fala do outro é necessária e útil, pois esta é para o benefício de toda a equipe.

A pesquisa mostra que estudar, planejar, refletir sobre as ações voltadas para as escolas municipais do/no Campo revela uma educação capaz de formar educandos para vida, uma educação que transcendem os muros das escolas, que se faz a partir do seu real território educativo e que realmente aborda as necessidades das comunidades do campo, adequando tempo dos jogos, regras das partidas e regulamentos flexíveis, o que contribui para uma formação mais humana, democrática de muita equidade.

Os educandos das escolas do Campo de Nova Santa Rita que foram investigados no evento do Intereducampo consideraram importante o todo do evento, demonstraram o gosto pela participação de forma integral e não somente levaram em consideração vencer ou perder, mas sim o cooperar e o participar deste momento de integração. Demonstraram o quanto é importante jogar “com” e não “contra”.

A educação do/no Campo desta cidade caminha para a formação integral dos seus educandos, buscando um ensino que transforme vidas e que forme educandos para uma sociedade mais humana, mais cidadã.

Referências

ARROYO, Miguel. A educação Básica e o movimento social do campo. IN: ARROYO, Miguel; FERNANDES, Bernardo Mançano. *A educação Básica e o movimento social do campo: Por uma educação básica do campo*. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999. p. 13-52.

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BRASIL. *Decreto n. 7.352, de 4 de novembro de 2010*. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 nov. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%207.352%2C%20DE%204,que%20he%20confere%20o%20art. Acesso em: 24 jun. 2021.

BROTTO, Fábio Otuzi. *Jogos Cooperativos: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar*. São Paulo: Re-Novada, 1999.

CALDART, Roseli. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

- CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (orgs.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FERNANDES, Bernardo Maçano; MOLINA, Mônica Castagna. O Campo da Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de (orgs.). *Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo*. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2004.
- FERNANDES, Bernardo M. Os campos da pesquisa em educação do campo. In: 1º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2005, Brasília. Anais do 1º ENEEC. Brasília, 2005.
- FERNANDES, Bernardo Maçano. Os campos da Pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. In: Molina, Mônica Castagna (org.). *Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- FERNANDES, Bernardo Maçano. Território camponês. In: CALDART, Roseli Salete et al. (orgs.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 49 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- JESUS, S. M. S. A. de. Questões paradigmáticas na construção de um projeto político da Educação do Campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. de. (org.). *Por uma Educação do Campo: Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo*. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2004. p. 53-89.
- JUNIOR, Nicolino Bello. *A ciência do Esporte Aplicada ao futsal*. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.
- MOLINA, Monica Castagna; JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de. *Por uma Educação do Campo*. Brasília: Articulação Nacional, 2004.
- MOLINA, Monica Castagna. Possibilidades e limites de transformações das escolas do campo: reflexões suscitadas pela licenciatura em educação do campo, da Universidade Federal de Minas Gerais. In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; MARTINS, Aracy Alves (Org.) *Educação do Campo: desafios para a formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica 2009.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.
- VOSER, Rogério da Cunha; GIUSTI, João Gilberto. *Futsal e a escola: uma perspectiva lúdica*. Porto Alegre: ARTmed, 2002.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- RONALDO, José. A pedagogia do MST e os desafios da organização do trabalho pedagógico. Escola do Campo Fábio Henrique – MST, 09 mar.2014. Disponível em: <https://escoladocampofabiohenrique.blogspot.com/>. Acesso em: 20 FEV. 2022.
- RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: CALDART, Roseli Salete et al. (orgs.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012